



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6635 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT15 - Educação Especial

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA E PRÁTICA DOCENTE: contribuições para a construção de escolas inclusivas

Jailson Araújo Cipriano - UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Isis de Paula Santos Mendonça - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Livia da Conceição Costa Zaqueu - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA E PRÁTICA DOCENTE: contribuições para a construção de escolas inclusivas

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda algumas considerações teóricas sobre a diferenciação pedagógica no campo da Educação Especial e Inclusiva. No século em que vivemos podemos perceber céleres mudanças. Nas últimas duas décadas a educação vem passando por sucessivas transformações, fruto das grandes e aceleradas mudanças nos cenários econômico, social, político, cultural, científico e tecnológico (ROZA, WECHSLER E NAKANO 2018). Tais eventos ocorridos na sociedade, consequentemente atingem o cenário educacional.

O advento das tecnologias vem impactando as novas gerações, trazendo à baila um novo perfil de aluno: conectado, midiático, impregnado pelo viés da ciência e da tecnologia informacional, por conseguinte também são exigidos novos perfis de professores, com metodologias mais diversificadas (ROZA, WECHSLER E NAKANO 2018). Tal configuração conclama um profissional mais interativo e inovador, que apresente atitudes que rompam com as práticas obsoletas do passado e saiam em busca de uma revitalização profissional.

Diante disso perguntamos: como o professor poderá desenvolver um trabalho dentro de uma perspectiva de diferenciação pedagógica?

Como hipóteses elencamos duas, a saber: a) o professor que compreende a diversidade dos estudantes, planeja sua prática a partir dessas diferenças; b) o professor que realiza o trabalho cooperativo e colaborativo, insere em sua prática mais flexibilidade por meio de metodologias ativas. Frente às questões arroladas acima, este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica que apresente uma visão panorâmica sobre o assunto da diferenciação pedagógica nas produções que compreende o período entre 2005 e 2018.

A ideia de que a massificação escolar, fruto do fenômeno da globalização, exige uma nova face paradigmática para o Século XXI, requer uma nova forma de estruturação e vivência curricular, perpassando pela perspectiva da diferenciação curricular e pedagógica (SILVA, 2011). Daí propõe que a diferenciação curricular seja analisada a partir do conceito

de currículo como processo aberto e flexível, praticada por toda a liderança escolar dentro de uma prática curricular transformacional, das escolas e dos professores, calcadas na liderança também transformacional participativa, flexível e democrática para promover a aprendizagem de todos.

O trabalho está organizado primeiramente com uma sessão introdutória, apresentando o tema, a problemática, as hipóteses, o objetivo, a delimitação e a metodologia. Na segunda parte, abordamos a flexibilização curricular e a diferenciação pedagógica como um trabalho cooperativo e colaborativo, com discussões sobre as questões que perpassam a organização curricular e desenvolvimento da aprendizagem para a inclusão de pessoas com necessidades educativas especiais, bem como a todos os estudantes no contexto da diversidade.

Por último, o trabalho apresenta algumas reflexões para uma efetiva prática da temática, bem como algumas considerações e recomendações para um maior aprofundamento epistemológico da categoria diferenciação pedagógica no campo da pesquisa.

2 DIFERENCIAÇÃO PEDAGÓGICA E FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR: um trabalho cooperativo e colaborativo

O assunto da diferenciação pedagógica apresenta diferentes definições e concepções. Refletir sobre este fenômeno é algo que nos coloca diante de uma expressão polissêmica e bastante abrangente. Salientamos a importância dessa temática ao ponto de se evocar, em sua discussão, uma frequente preconização para que as escolas passem a receber seus futuros docentes preparados para trabalhar com ferramentas de reflexão e inovação, criando ambientes de aprendizagem respeitadoras das diferenças individuais.

Pereira e Sanches (2013) analisam a flexibilização curricular pelo viés da pedagogia diferenciada, conceituando-a como aquela que tem como princípio a gestão de sala de aula, voltando-se para alcançar a maior quantidade de estudantes possíveis. Dessa forma, organizam-se atividades com maior leque possível de variações metodológicas, envolvendo a participação dos estudantes em ações estratégicas de aprendizagens potencializadoras, com caminhos flexíveis, respeitando os ritmos de aprendizagem de cada um deles.

Pereira e Sanches (2013) em sua abordagem sobre o assunto utiliza aportes de Tomlinson (2008) para defender a ideia de que haja adequação de ensino aos estilos de aprendizagem de cada estudante. De forma genérica, seria uma maneira de atender a diversidade na sala, a partir da utilização de um conjunto de medidas didáticas que visam adequar um processo de ensino às diferenças e níveis de condições de aprendizagem dos alunos, a fim de permitir que cada estudante atinja o seu máximo potencial na realização dos objetivos didáticos. É essencialmente importante conhecer a realidade de cada estudante, seus conhecimentos prévios e seu perfil de aprendizagem, respeitando a sua individualidade.

Segundo Roza, Wechsler e Nakano (2018) uma série de mudanças têm sido notadas, tanto na forma de aprender como na forma de ensinar, de modo que tal temática deve ser cada vez mais investigada e trabalhada pelas diferentes ciências interessadas no processo de ensino-aprendizagem.

A diferenciação defendida neste estudo, parte do trabalho com grupos diversificados em situações de verdadeira aprendizagem cooperativa, responsável e responsabilizante (SANCHES e TEODORO, 2007). Tal proposta de adequação não está ligada somente aos procedimentos pedagógicos, mas também aos espaços e às mobílias. É necessário que se criem ambientes colaborativos para desenvolvimento da aprendizagem cooperativa numa perspectiva de diferenciação pedagógica, mesmo diante das inúmeras dificuldades encontradas.

Portanto, as atividades educativas devem ser pensadas junto a todos os sujeitos envolvidos no processo de escolarização, deve configurar-se num esforço compartilhado entre educadores, familiares e profissionais da saúde e assistência social, ou seja, um trabalho colaborativo na busca por mudanças significativas ao ensino e aprendizagem de alunos com Necessidades Educativas Especiais - NEE. Sendo assim, “uma educação inclusiva não pode se

processar fora da sala de aula a que o aluno pertence, mas sim no interior da sala de aula e com o grupo” (SANCHES e TEODORO, 2007, p. 113).

A escola deve procurar desenvolver a aprendizagem de todos os alunos, adotando estratégias que facilitem a aprendizagem dentro da diversidade, como fator de enriquecimento - isso remete para o aspecto do desenvolvimento global do educando, que necessita de adequações, tanto do ensino por parte do docente como da aprendizagem e estilos que o educando possui, isto é, de acordo com a necessidade de cada estudante em particular, o professor deve promover o respeito pela diferença (FERREIRA, PRADO e CADAVIDEICO, 2015).

Assim, sempre serão necessárias adequações tanto do aspecto do ensino, por parte dos docentes, quanto das aprendizagens, ritmos e estilos que os educandos possuem, isto é, de acordo com a necessidade individual, o professor deve desenvolver uma ação pedagógica dando-lhe o apoio educativo apropriado, promovendo a adequação planejada no ambiente onde os indivíduos interagem (FERREIRA, PRADO e CADEVIECO, 2015).

Henrique (2011, p. 171) corrobora com o assunto afirmando que:

[...] esperar que alunos de uma mesma turma atinjam os meus objetivos, os mesmos ritmos e trabalho através das mesmas atividades, sobre uma metodologia de ensino, apesar da diversidade de características pessoais e estilos de aprendizagem e conhecimento prévio é uma esperança vã e sem probabilidade de se conseguir tal propósito.

À luz do texto podemos afirmar que é necessário haver um currículo mais flexível para alcançar os diferentes estudantes com necessidades educativas especiais, devendo haver uma adequação para cada necessidade. Isto atenua as diferenças entre os educandos. Assim, a diferenciação pedagógica torna-se o eixo central curricular, pois promove metodologias adequadas para todos os estudantes e seus estilos de aprendizagem.

É preciso repensar a escola que se deseja ser inclusiva, repensar as próprias práticas, redefinir percursos e compreender que a maioria dos educadores não estão prontos para atenderem à inclusão, mas todos podem buscar meios para efetivá-la. Para tanto, podemos destacar algumas necessidades comuns a serem observadas: organização das atividades para atender a todos os alunos, identificar as NEE, fazer avaliação dos alunos com NEE, envolver outras instâncias e possibilitar o enquadramento legal às necessidades desses alunos. São questões que tem implicações diretas na prática docente, e fundamentais para a inclusão bem-sucedida. “A formação contínua e especializada de professores é, quanto a nós, um contributo fundamental para refletir estas questões”. (SILVA, 2011).

Para que esse ideal se efetive isso implica em oportunidades diversas, diversas vias de aprendizagem que visam ao todo, ou seja, para que haja uma flexibilização em sala de aula, as situações de ensino-aprendizagem devem ser mantidas por intervenções pedagógicas diversificadas em tempo, materiais, metodologias, avaliação contínua dos progressos de individuais, observando as necessidades que cada estudante apresenta. Estas flexibilizações oportunizam uma variedade de propostas de trabalho desafiadoras, nas quais os estudantes são estimulados a utilizarem o maior potencial de suas capacidades, fazendo com que sejam protagonistas reais. (SILVA, RIBEIRO e CARVALHO, 2013).

Compete ao professor a tarefa de planificação curricular das sequencias de aprendizagem, uso de diferentes materiais e técnicas adequadas à aprendizagem das crianças e jovens, com acompanhamento através de registros em relatórios quanto às técnicas convenientes às necessidades desses alunos e ao progresso de estudante (SILVA, RIBEIRO e CARVALHO, 2013).

Neste cenário, os professores devem planificar atividades que desenvolvam a autonomia do estudante, uma pedagogia diferenciadora que propõe situações enriquecedoras e flexíveis do trabalho pedagógico. Isto é feito com base nos perfis de aprendizagem de cada um, fazendo-se ajustamentos contínuos, por meio de avaliação contínua (TOMLINSON, 2008).

Tomlinson (2008) salienta a importância de o professor ter uma visão ampla das competências e habilidades dos estudantes, por meio de observação feita para cada um em particular, para que vejam seus potenciais e suas fragilidades e ofereçam, durante o processo educativo, uma gama de oportunidades diversificadas de atividades que perpassam pelas tarefas de integração, de brincadeiras, experiências, através de jogos e de outras experiências que os levem ao domínio de aprendizagens diversificadas, por meio de recursos e métodos também diversificados.

Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) buscam aporte nas ideias de Perrenoud (1999) para defender o rompimento com a pedagogia tradicional, pois ela não valoriza a interação e a diversificação nos procedimentos de ensino e aprendizagem. Ressaltamos que trabalhar uma pedagogia diferenciada é bem mais que isso, é respeitar a individualidade dos alunos evitando-se exclusões nos sistemas educativos.

Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) também evocam Sanches e Teodoro (2007) para alertar da necessidade de um trabalho de sensibilização com os integrantes da comunidade escolar. Nesta concepção, todos os profissionais devem acreditar na possibilidade de sucesso de seus alunos e em especial os que apresentam necessidades educativas especiais, ainda mais interessante é que o autor defende a ideia do combate aos focos de exclusão no interior da escola.

É a partir das vivências do professor que emergem indagações que os levam a buscarem respostas inclusivas, como por exemplo, as atividades colaborativas nas salas aula, nas quais alunos em diferentes estágios de desenvolvimento interagem e respondem às proposições dos professores, eis em que consiste a diferenciação pedagógica (SILVA, 2011).

A aprendizagem cooperativa surge como uma estratégia metodológica de ensino numa perspectiva de diferenciação pedagógica. Os alunos realizam atividades em pequenos grupos, é privilegiada a cooperação em vez da competição, a fim de atingir objetivos comuns. Dessa forma, todos podem contribuir com a aprendizagem, e as competências individuais são valorizadas. A escola precisa envolver toda a equipe escolar no processo de inclusão dos alunos com NEE, desenvolver trocas sistemáticas de produções e saberes; fomentar um clima de cooperação, entre ajuda e respeito mútuo; reforçar os laços estabelecidos entre a escola e as famílias (PEREIRA e SANCHES, 2013).

No trabalho cooperativo destacamos a importância das atividades em grupo como alternativa fundamental na promoção da inclusão e atendimento à diversidade, os alunos podem se sentir ativos e participantes do processo de ensino e aprendizagem, é uma estratégia didática que permite alcançar resultados positivos quanto ao reconhecimento e aceitação das diferenças nas salas de aulas. Outro ponto relevante é que a partir das práticas diversificadas, os alunos com dificuldades de aprendizagem também são beneficiados (SILVA, 2011).

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Foram trabalhadas à luz dos autores aqui citados 7 categorias. A categoria de maior frequência foi a “diversificação de estratégias metodológicas”, abordada pelos autores Ferreira, Prado e Cadavieco (2015); Henrique (2011); Pereira e Sanches (2013) Silva (2000); Silva, Ribeiro e Carvalho (2013) e Tomlinson (2008) esses autores trabalharam as questões da diversificação pedagógica e sua importância para a diferenciação pedagógica.

A segunda categoria mais trabalhada, neste contexto pesquisado, foi a “adequação aos ritmos e aos estilos de aprendizagem dos alunos”, discutida pelos autores Ferreira, Prado e Cadavieco (2015); Henrique (2011); Ferreira, Sanches (2013) e Tomlinson (2008) que contribui para maior sucesso escolar dos alunos.

A terceira categoria “respeito às diferenças e as diversidades” foram abordadas pelos autores Tomlinson (2008); Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) e Silva (2011) que colaboram com o contexto da inclusão educacional.

A quarta categoria também com a mesma frequência da anterior, foi o “trabalho cooperativo e colaborativo”, discorrida pelos autores Sanches e Teodoro (2007) e Silva

(2011) que contribui para melhor engajamento e norte de todos os atores sociais da escola. Na sequência, a quinta categoria “inclusão de alunos especiais” foi desenvolvida pelos autores Silva (2011) e Ferreira, Prado e Cadavieco (2015) que assegura a prática do direito educacional ao público da educação especial; na sequência apresenta-se a categoria “flexibilização curricular”, sexta categoria, discorrida pelos autores Silva, Ribeiro, e Carvalho (2013) e Pereira e Sanches (2013), que ganha eco com as duas primeiras categorias, contribuindo para a democratização da educação. Por fim, a categoria menos abordada foi a “formação continuada de professores”, trabalhada apenas por um dos oito autores pesquisados, Silva (2011). Apesar de aparecer com menor frequência, consideramos esta categoria como condição *sine qua non* para o êxito da prática da diferenciação.

4 CONCLUSÃO

Provocar reflexões sobre a diferenciação pedagógica no atendimento à diversidade nas salas de aula para promoção da inclusão foi o escopo de nosso trabalho. Podemos perceber que o modelo tradicional de ensino já não corresponde aos novos perfis do alunado. Para que a escola atenda à diversidade de seu público, ela deve ofertar uma educação que forme cidadãos autônomos, capazes de agir com criticidade, e precisa trabalhar na perspectiva de uma educação de qualidade, assentada em valores e estratégias voltadas para um ensino que desenvolva competências para criação de um ambiente rico de possibilidades de aprendizagem para todos os alunos.

Alertamos para a necessidade de priorizar o processo de formação continuada no campo da educação especial e inclusiva, pois tal procedimento promove atualização e práticas efetivas de inclusão social. Em consonância com a primeira hipótese são notórias as propostas que deem ênfase às questões da planificação docente, metodologias diversificadas, sempre considerando os interesses pessoais das crianças. Contemplando a segunda hipótese aqui aventada, neste trabalho, requer dos docentes que seja dada uma maior atenção aos modelos centrados no aluno e em suas necessidades específicas, dessa forma, praticamos a flexibilização curricular.

Esse ideal será impossível de ser alcançado se esperarmos que essas mudanças se processem fora da sala de aula a que o estudante pertence. Requer-se que haja uma aprendizagem cooperativa, trabalhada numa perspectiva de diferenciação pedagógica focada nas necessidades e interesses dos alunos, isto refletirá em resultados positivos para o ensino e aprendizagem, e para o desenvolvimento de competências necessárias à formação mais democrática e potencializadora do progresso dos alunos.

Recomendamos que o conceito de diferenciação possa ser pesquisado com aporte de outros autores que abordam esta temática, além dos aqui trabalhados; que as categorias aqui elencadas sejam mais aprofundadas em novas pesquisas, e por último, que haja uma revisão sistemática envolvendo os anos de 2019 e 2020.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Marco Maia; PRADO, Suzana Agudo; CADAVIDECO, Javier Fombona. Educação inclusiva: natureza e fundamentos. **Revista Nacional e Internacional de Educação Inclusiva**, v. 8, n. 3, p. 1-11, nov. 2015.

HENRIQUE, Mário. Diferenciação Pedagógica: da Teoria à Prática. **Cadernos de Investigação Aplicada**, n. 5, p. 167-187, 2011.

PEREIRA, Marta; SANCHES, Isabel. Aprender com a diversidade: as Metodologias de Aprendizagem Cooperativa na sala de aula. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 24, n. 3, p. 118-139, set./dez. 2013.

ROZA, Rodrigo; WECHSLER, Solange; NAKANO, Tatiana. Escala de Estilos de Aprendizagem em situações de uso de tecnologias: busca por evidências de validade de conteúdo. **Rev. Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 9, n. 1, p. 45-64, abr. 2018.

SANCHES, Isabel; TEODORO, Antonio. Procurando indicadores de educação inclusiva: as práticas dos professores de apoio educativo. **Revista Portuguesa de Educação**, Universidade do Minho, v. 5, n. 1, p. 98-118, 2007.

SILVA, Maria Odete Emygdio da. Educação Inclusiva: um novo paradigma de Escola. **Revista Lusófona da Educação**, Lisboa, v. 19, n. 19, p. 119-134, fev. 2011.

SILVA, Maria Deolinda Oliveira; RIBEIRO, Célia; CARVALHO, Anabela. Atitudes e Práticas dos Professores Face à Inclusão de Alunos com Necessidades Educativas Especiais. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, Lisboa, ano 47-I, p. 53-73, 2013.

TOMLINSON, Carol Ann. **Diferenciação Pedagógica e Diversidade**: ensino de alunos em turmas com diversas níveis de capacidades. Porto: Porto Editora, 2008.

RESUMO

O presente artigo, objetiva provocar reflexões sobre a diferenciação pedagógica no atendimento à diversidade nas salas de aula para promoção da inclusão. O trabalho procura responder como o professor poderá desenvolver uma prática efetiva dentro de uma perspectiva de diferenciação. O recorte temporal foi delimitado no período entre 2005 e 2018. O trabalho teve como resultado o elenco de sete categorias: variadas estratégias metodológicas; adequação aos ritmos e estilos de aprendizagem; respeito às diversidades na sala de aula; trabalho colaborativo; inclusão de todos os alunos; flexibilização pedagógica e curricular e formação continuada dos professores como elemento *sine qua non* para uma prática efetiva de diferenciação. Foi possível constatar que, diferentes estratégias de ensino poderão ser utilizadas pelos professores para promover o direito educacional de inclusão de estudantes com diferentes necessidades educacionais, contribuindo para o sucesso escolar dos mesmos.

Palavras-chave: Diferenciação Pedagógica. Flexibilização Curricular. Inclusão. Prática Docente. Trabalho cooperativo.